



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17271 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GE Educação e Povos Indígenas

BORDAR COLETIVAMENTE OUTRAS LÓGICAS DE HABITAR O PLANETA E AS ESCOLAS: O CUIDADO NO CENTRO DO TERRITÓRIO
 Isis Flora Santos - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Juliana Schumacker Lessa - 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

BORDAR COLETIVAMENTE OUTRAS LÓGICAS DE HABITAR O PLANETA E AS ESCOLAS: O CUIDADO NO CENTRO DO TERRITÓRIO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, em nível de Doutorado, cujo objetivo é investigar como as práticas comunitárias de cuidado presentes nas cosmologias originárias podem fundamentar relações educativas com crianças nas escolas urbano-ocidentais. No contexto de um sistema capitalista, que não cuida das crianças, nem dos territórios onde a vida é cotidianamente reinventada, buscamos identificar e compreender outros modos de sentir e pensar a existência na Terra. Esse movimento se dá em contextos que possam inspirar e redirecionar fazeres pedagógicos ambientalmente comprometidos, antirracistas e críticos ao projeto colonialista que prevalece nas escolas da cidade.

As práticas educativas que observamos nas aldeias nos ensinam que o respeito pela vida deve incluir não apenas a vida humana. Conforme Tiriba (2010, p. 14), "sabemos que a Terra é um ser vivo que assegura a sobrevivência dos seres humanos e de todas as espécies que nela habitam". Esta compreensão, que vem sendo apontada pelos estudos *ecofeministas* (Mies e Shiva, 2021; Puleo, 2019; Tiriba, 2005, 2010; Oliveira e Tiriba, 2020), permite (re)integrar e (re)conhecer o caráter sagrado de nosso território sociobiodiverso, na contramão de um *sistema-mundo-colonial-moderno* (Quijano, 2009) que a transforma em matéria-prima morta para a economia industrial (Mies e Shiva, 1997). Conforme Puleo (2019), as estruturas sociais patriarcais sustentam o capitalismo e se reproduzem a partir de modelos de destruição. Nesse sentido, a "(...) a libertação das mulheres não pode ser alcançada isoladamente, mas

apenas como parte de uma luta maior pela preservação da vida neste planeta" (Mies e Shiva, 2021, p. 69).

No Brasil, o cuidado tem sua origem vinculado ao lugar das mulheres escravizadas. Este retrato permanece até hoje, sendo o cuidado realizado pelas mulheres das classes populares, em sua maioria negras (Oliveira e Tiriba, 2020). No contexto da Educação Infantil, em que o cuidar está explícito em sua função social, essas questões se intensificam e consolidam como a etapa educativa ocupada, em sua enorme maioria, por mulheres (Vianna, 2013). Entretanto, a realidade é que pesquisas sobre relações e práticas de cuidado na educação infantil e na formação de professoras/es (Tiriba, 2005) revelam problemas que se voltam à escuta das necessidades e desejos das crianças. Atentas a esse problema, não nos detemos no cuidado restrito às relações entre humanos, entre adultos/as e crianças. Diferentemente, buscamos inspiração nas filosofias Afroameríndias, modos de habitar o planeta em estado de conexão profunda com o território e os seres vivos que nele habitam, condição essa que se mostra potente e fértil na relação criança-natureza, a qual apostamos.

Considerando a interdependência entre as espécies, seres humanos e não-humanos, as águas, a terra, as montanhas, rochas, árvores, o ar, as plantas, os animais, o planeta são percebidos como seres cuja integridade depende de cuidados. Isso significa incluir a Terra, que nos alimenta e constitui o nosso ser pessoa no mundo, como fundante das práticas e relações de cuidado, uma vez que somos parte indissociável do território (Xakriabá, 2018).

Conforme Oliveira e Tiriba (2020, p. 14), na cultura antropocêntrica, a separação ser humano-natureza, forjada na "ideia de que pertence aos humanos tudo que não é humano - as terras, as águas, os vegetais, animais, minerais" constituiu as bases da concepção moderna sobre o conhecimento. Este afastamento vem, de forma incessante, legitimando a ocupação e exploração de territórios comunitários em nome do lucro privatista, ao mesmo tempo em que suprime ou subvaloriza outros caminhos de conhecimento (Oliveira e Tiriba, 2020).

Os resultados de nossas pesquisas revelam que a marginalização das mulheres e a destruição da natureza precisam ser compreendidos como fenômenos interligados que interferem nas práticas de cuidado das sociedades ocidentais e em seus espaços de formação; e apontam insistentemente a importância de aprendermos sobre educações cuidadosas praticadas por povos que habitam nossos territórios.

Palavras chave: Formação de professoras/as; Ecofeminismo; Cuidado; Infâncias; Filosofias Ameríndias.

REFERÊNCIAS

BISPO, A.; PEREIRA, S. **a terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CAVALIERI, L.; MELLO, T.; TIRIBA, L. V. Notas de uma metodologia contracolonial teórico-brincante: encontros de educadores a 'qual' distância? **Revista da FAEBA**, v. 31, n. 66, p. 173-190, 2022.

MIES, M; SHIVA, V. **Ecofeminismo**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

OLIVEIRA, C.; TIRIBA, L. Pandemia, crise de cuidados e democracia: o que aprender com quem cuida da vida? **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, p. 36-57, 2020.

PULEO, A. H. Perspectivas ecofeministas da ciência e do conhecimento: a crítica ao viés andro-antropocêntrico. **Em Construção**, n. 5, p. 163-173, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

TIRIBA, L. Educar e cuidar: buscando a teoria para entender discursos e práticas. In: KRAMER, Sonia. (Org.). **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. 1ed. São Paulo: Ática, 2005.

TIRIBA, L. Crianças da natureza. **Seminário Currículo em Movimento**, Brasília, 2010.

VIANNA, C. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré, p. 159-180, 2013.

XAKRIABÁ, C. N. C. **O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação de memória por uma educação territorializada**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, 2018.